

A BUSCA DE NOVAS FORMAS DE VIDA NO CORPO TRANSEXUAL: O QUE PODEMOS APRENDER COM FOUCAULT NA ANÁLISE DA EPISTEMOLOGIA ANTIGA?

LA BÚSQUEDA DE NUEVAS FORMAS DE VIDA EN EL CUERPO TRANSEXUAL: ¿QUÉ
PODEMOS APRENDER DE FOUCAULT EN EL ANÁLISIS DE LA EPISTEMOLOGÍA
ANTIGUA?

THE SEARCH FOR NEW FORMS OF LIFE IN THE TRANSEXUAL BODY: WHAT CAN WE
LEARN FROM FOUCAULT IN THE ANALYSIS OF ANCIENT EPISTEMOLOGY?

Claudio Noel de. (Paola de Toni) Toni Junior¹

RESUMO: A pesquisa visa mostrar as condições da construção histórica de épocas em que as formas de viver e quem tinha direitos de exercer a fala franca eram sujeitos que detinham o poder. Mesmo em épocas em que não havia termos como a transexualidade, sua interdição sempre existiu de formas múltiplas ao longo do espaço e do tempo no Ocidente. Identifica e analisa as contradições em relação à temática de gênero, e remonta a Michel Foucault, que deixa seu legado para a continuação de lutas e resistências nos dias atuais. Assim, se percebe o contexto de proteção em que o direito de viver está na interdição de um discurso histórico que avançou com o passar do tempo, mas que exige maior dispêndio e atenção em países socioeconomicamente vulneráveis como o Brasil, líder mundial de mortes de pessoas trans, sendo ao mesmo tempo o país que mais consome pornografia transgênera no mundo. Todavia, a dimensão das formas de indiferença do *status* social e econômico sempre esteve no ápice de corpos que possuem o direito à fala dos interditados, e o que vivemos hoje não é algo novo, e sim a manutenção de formas de poder em diferentes espaços, formas e técnicas de força de quem manda e de quem obedece, de forças em que cabe ao corpo desprotegido em direitos sempre resistir, dia após dia. Pode-se mencionar que, em aspectos de i(des)gualdade de oportunidades do sujeito, no modo de vida e do poder do Estado nos equiparamos aos antigos, de modo que há milhares de anos, havia inclusive maior liberdade na vida dos sujeitos.

294

Palavras-chave: O Falar Franco. Política da Indiferença. Desigualdade de Gênero.

ABSTRACT: This research aims to show the conditions of the historical construction of times in which the ways of living and who had the right to exercise frank speech were subjects who held power, even in times when there were no terms such as transsexuality, its prohibition always existed multiple forms across space and time in the West. It identifies and analyzes the contradictions in relation to the theme of gender, which goes back to Michel Foucault, who leaves his legacy for the continuation of struggles and resistances in the present day and that, if we perceive the context of protection that the right to live is in the interdiction of a speech history that has advanced over time, but which requires greater expenditure and attention in socioeconomically vulnerable countries such as Brazil, the world leader in deaths of transgender people, while at the same time being the country that consumes the most transgender pornography in the world. However, the dimension of forms of indifference to social and economic status have always been at the apex of bodies that have the right to speak to those who are interdicted, and that what we are experiencing today is not something new, but the maintenance of forms of power in different spaces, of forms and techniques of strength of those who command and those who obey, of forces in which it is up to the body unprotected in rights to always resist, day after day. It can be mentioned that, in aspects of unequal (in)equality of opportunities of the subject, the way of life and the power of the State is equated to the Ancients, although thousands of years ago, there was even greater freedom in people's lives.

Keywords: Speaking Frankly. Policy of Indifference. Gender Inequality.

¹Doutora e pós-Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Júlio de Mesquita Filho). Especialista em estudos das Transexualidades.

INTRODUÇÃO

O objeto de pesquisa dentro do tema delimitado sobre as condições de vida das pessoas transgêneras, em especial transexuais mulheres, observa a incitação ao ódio em contrapartida aos grupos de militância. A ascensão da extrema direita no Brasil, com a pretensão de instaurar um regime tirânico e antidemocrático, não é recente na História Antiga e na brasileira.

A verdadeira *parresía* seria impossível de ser praticada em uma democracia em que cidadãos eram apenas quem era ateniense, de boa família e com posição socioeconômica positiva, em detrimento do restante da população, que eram os governados e excluídos de qualquer pretensão de fala e direitos, pela interdição do *status quo* do sujeito na sua existência.

Veremos, pela bibliografia, que a emergência da arte cínica cresceu e que se emaranhou com a própria *parresía* na política e na vida social, na medida em que surgiram grupos com interesses diversos. O poder era pertencente a uma classe e desde os Antigos eram técnicas de dominar, excluir e escravizar quem não pertencia a sua estrutura patriarcal².

Vimos em 2019 que o Supremo Tribunal Federal (STF) percebeu a responsabilidade de criar um mecanismo de proteção jurídica aos não “heterossexuais” por meio de equiparação jurídica ao crime de raça, ou racismo, dado ser o Brasil o país em que mais ocorrem mortes de transexuais no mundo pelo simples fato de existirem, além do ódio a pessoas que possuem a pele de cor negra. Sem razão pela inércia do que poderia ser a assembleia dos tempos socráticos, uma das grandes contribuições do governo que podemos citar foi a reforma de previdência social, ao mesmo tempo em que não se reformaram sistemas de maior dispêndio como as emendas de relator, denominada de orçamento secreto.

Um destes paradoxos é se que quem possui ódio tenta apagar a pessoa, por que seria o Brasil ao mesmo tempo o país que também mais consome pornografia trans no mundo? Uma arte de viver às escondidas o seu sexo, porém tirando a vida do outro ou uma forma de atrair a vítima para si independentemente de seus gostos positivos de que a sociedade não pode saber, ou seria ódio da existência das pessoas? Qual é esta relação e proporção com outros fatores sociais, políticos e de gênero que se entrelaçam?

²Com novas nomenclaturas, com mudanças no espaço e no tempo, a dominação continua com outras formas de opressão, como as mortes de pessoas transgêneras, discurso cínico em um país em que o povo escolheu seu regime e forma de governo como republicano presidencialista. No entanto, se percebe a ausência do presidente em governar frente a grupos que se instauraram no Congresso Nacional, definidos como “centrão”, além de bancadas que remetem aos greco-romanos, como “bancada da bala”, bancada do agro”, “bancada evangélica” que, em troca de barganhas, continuam como um grupo de apoio aos seus próprios interesses, que não são o bem comum. Fazemos uma pergunta: será que se pode viver em uma sociedade como no Brasil na forma do falar franco?

OS ANTIGOS COMO FORMA DE ENTENDER A POLÍTICA E A SOCIABILIDADE NO BRASIL

Na mitologia grega, conta-se que o deus Apolo seduz Creusa ainda quando era menina, por volta de 9 anos, e desta relação nasce Íon, sendo um ato vergonhoso a um deus. Apolo, não tendo coragem de assumir publicamente aquilo que fez pela ausência de sensatez de quem possuía a responsabilidade de governar e de dar o exemplo a seus cidadãos, esconde-se e não diz ao público a verdade, que fica escondida.

Íon é levado a Delfos, momento em que, segundo Foucault, (2010b) ele será um dos reformuladores da constituição de Atenas, porém, trata-se de um daqueles que não sabem exercer a função política e que não sabem exercer a função de verdade no templo; será um ajudante no templo que não sabe sua verdadeira história.

Xuto, um homem com idade avançada, casa-se com Creusa; ninguém sabia do seu passado, sem saber que houvera tido uma criança com Apolo, e fora dada em casamento a um estrangeiro, que pela ajuda aos atenienses nas guerras, pela barganha, possui permissão para se casar com Creusa como um presente.

Ocorre uma pergunta pública de Xuto, na peça, em momentos diferentes. Ele pergunta no templo de Delfos se irá ter filhos, sendo uma de suas grandes vontades, pois temia ficar sem descendência, sem a naturalidade ascética de procriação.

Apolo diz que ele já possui filhos, e Xuto se alegra. Apolo diz que seu filho seria o primeiro que encontrasse após sair desta confissão, e o primeiro com quem Xuto se depara é Íon. Xuto se alegra, compreende, e estranha a reação de Íon à primeira vista, que não gosta da situação pela forma com que foi abordado. Creusa faz duas perguntas, uma que possui relação pública e é feita a Apolo, “será que terei um filho?”, e na esfera privada, “o que é feito do meu filho?”, se referindo ao filho que teve com Apolo.

Creusa queria que Xuto continuasse a não saber, e aí entra a *parresía* da confissão, em que Apolo é obrigado a falar sem assumir. Quem revela de fato e confirma que Apolo é pai de Íon é Atena, mostrando a seriedade do acontecimento, e afirmando que sabe e ao mesmo tempo tem vergonha do que seu irmão havia feito.

Atena aparece e faz a confissão, na *parresía* do falar franco. Xuto tem a resposta que desejava, e é um homem de boa posição social, já em idade avançada, em condições financeiras favoráveis, além de conseguir ter uma vantagem na sociabilidade pelo fato de ter ajudado Atenas em guerras. Íon, desta forma tem dois pais: Xuto e Apolo.

Xuto, sendo estrangeiro, manteve relação sexual com uma ateniense, um ato que na época não regozija a descendência positiva. Apenas no século V é modificada essa norma, após as sucessivas guerras, com perdas de homens e seus resultados. Por isso permitiu-se haver alteração na lei para que alguém pudesse ser considerado ateniense, pois necessitavam de mais soldados.

Logo, Íon não poderia voltar a Atenas sem cidadania. Pela *parresía* do discurso político, ele não poderia falar livremente, e mesmo que lhe dessem a coroa, não poderia falar com os nobres; teria que fazer face a grupos de homens ricos, os que não se interessavam pelas funções públicas, os sábios, além dos políticos e dos pobres.

Íon pergunta “o que direi aos pobres? Que são mentirosos, invejosos e rancorosos? Escrevendo assim aos pobres, e de fato quando não são atenienses, e gostariam de estar no lugar onde estou, também se sentiriam tristes”. Apresenta esta preocupação a Xuto sobre como lidar com os pobres, que não o deixariam em paz.

A preocupação com os sábios era que segundo, Íon iriam rir dele, e não se atreve a ir a Atenas, sendo um estrangeiro, sem poder usar da palavra. Sem se interessar pelas coisas públicas, não participavam da vida ativa política, ficavam apenas no ócio, e sua tendência era apenas contemplar, sem se interessar pelos acontecimentos da atividade pública; não disputavam poder com ninguém, mas eram inteligentes e fortes, e sem precisar de cargos, sabiam observar.

O grupo dos políticos, para Íon, era tão perigoso que os pobres perceberiam e não o deixariam estar no lugar deles. Ele procura, a partir destas indagações, saber quem é de fato sua mãe.

A discussão traz a relação do matrimônio e das práticas sexuais, que giram em torno da vista do governo e do cuidado de si e dos outros, além de desdobramentos de como os gregos e helenistas viam a atividade conjugal, segundo os textos de Mussônio Rufos, e como viam a instituição do casamento.

Kiffer e Giorgi (2020) constroem a Arqueologia do Ódio, para se apontar através da escrita, de diálogos e da linguagem os conflitos de oposições políticas em busca de democracia em uma perspectiva entre as realidades do Brasil e da Argentina, na qual se abordam especificamente os governos de Bolsonaro e de Cristina Fernández de Kirchner, bem como a ideologização política, os confrontos por meio da mídia e as falas de ódio que se mobilizam contra o governo.

Percebem os autores semelhanças entre o rompimento do peronismo e a construção de uma nação mais voltada ao social, com menos autoritarismo e mais espaço para as pessoas em seu pluralismo. Por exemplo, observamos na Argentina uma mulher presidente, com pautas políticas voltadas para as classes de menor poder socioeconômico diante das posturas machistas, sexistas e

racistas da elite dominante. Kirchner sofreu vários ataques da imprensa e de grupos não simpatizantes, porém, estas críticas mais que extrapolaram os ramos do político, proliferando-se na vida íntima dos sujeitos.

Voltando-se para o sujeito que está na política, Kirchner mostrou-se como uma mulher que possui a vontade de reduzir as desigualdades em uma nação branca e europeizada, com pautas feministas. Foi o mesmo processo de política que pode ser realçado no período em que Dilma Rousseff governou o Brasil, com pautas semelhante, em que também foi alvo de políticas de ódio em discursos, pelo horror sentido por ser mulher, por também ter pautas de reduzir as desigualdades, sendo duas mulheres a governar as duas maiores economias da América do Sul.

Crispação, substantivo feminino, se dessubjetiva por um estado de ser, o Eu psicológico, o corporal, o gestual com músculos tensos, o afeto, o humor e o cuidado pelo corpo, como governar as subjetividades de si mesmo em relação ao outro que nos ataca. Realça o mesmo sentido que Ana Kiffer usa no termo de inscrição de afecções coletivas, em que as falas, em especial da mídia, se voltaram contra a proposta de Kirchner de taxar as exportações de produtos agrícolas como política para captar impostos e direcionar as políticas sociais.

Viu-se se nas mídias, conforme Silva, Francisco e Sampaio (2021), no Brasil nos anos de 2018 a 2022, e posteriormente com a modernização cada vez maior das redes sociais, uma nova linguagem nunca vista para caricaturizar, com jargões de linguagens vulgar de uma elite jornalística e societal de grandes empresários e adeptos que usaram a religião para a preparação da volta do disfarce do discurso político contrário, que no seio queriam a volta de um regime antidemocrático, racista e sexista, rejeitando políticas sociais aos mais pobres em detrimento dos privilégios de grandes banqueiros e empresários dominante.

Foi o que ocorreu após a saída de Kirchner, igualmente no Brasil com Dilma Rousseff não reeleita e. A Argentina na atualidade volta para um governo no qual Cristina é vice-presidente, embora seja dia a dia perseguida por ataques de ódio e até atentados recentes contra sua vida, de acordo com Kiffer e Giorgi (2019).

Este ódio contemporâneo é força motriz e indissociável desta nova forma escrita de dizer, de publicar, de formular ideias e discursos nos quais, pela enunciação, se articulam discursos como forma de ampliar a fala em favor da extrema direita com discursos misóginos, com frases prontas e desprovidas de linguagem formal, que ofendem o feminino, colocando as minorias em tensão por meio de escritas do ódio. Porém, o movimento feminista argentino, em aliança com outras minorias, resiste com o termo: “*Al patriarcado lo hacemos concha*”, com tradução livre em português para: “Ao patriarcado, damos bocetas!”.

Após a vitória de Mauricio Magri em novembro de 2015, jornais como “La Nación” e outros órgãos de imprensa alinhados ao autoritarismo antidemocrático pediam a prisão de seus desafetos, com frases estampadas em jornais que hoje cada vez mais são midiáticos e possuem versões *on line*.

Arendt, conforme Souki (2018), no século XXI, menciona a questão da transparência em que as verdades podem ser várias, mas se deve questionar a si e aos outros, sendo um exercício de liberdade, de pensar a transferência consigo mesmo e com os outros, sejam no Estado nazista como em outros em que se comete crimes de guerra. A ameaça existe quando não se faz a pergunta “o que eu me tornei comigo mesmo?”, sem transparência.

Arendt traz a explanação do que o mal traz para o século XXI, de forma que muitos valores são rapidamente transformados, e a adesão a um sistema de extermínio provém da História. A sociedade assimila as ideias de guerra e, abandonada pela modalidade do mal, que são circunstâncias em que a fugacidade negativa é o pensamento que desafia nossa própria humanidade, em nosso pensar, pela mudança da tradição religiosa, as atitudes inofensivas do burocrata incorporam o objetivo de conter o mal.

Na obra “Natureza Humana: Justiça vs. Poder”, Foucault e Chomsky (2014), pela entrevista concedida a Fons Elders, ambos discutem sobre assuntos de diferentes temáticas, tendo cada uma sua opinião, algumas de forma a concordar com o outro, outras de forma de entender o discurso de forma diferente. Inclusive estes debates foram importantes para que o leitor em geral pudesse entender o significado de obras de ambos os autores e para esclarecer muitas dúvidas a respeito da obra de Foucault.

Chomsky expõe que não vê a História como algo puramente neutro, como um antiquário, e da perspectiva da causa que o evento histórico aborda, também menciona a crítica realizada por acontecimentos históricos que se transformaram em eventos científicos pela mudança que a Ciência postulou, com suas descobertas de temas que eram até então incompreensíveis e que hoje são científicos, e que se podem descrever e entender.

Foucault (2014) responde na mesma entrevista que em suas pesquisas históricas, deixou lacunas para que pudesse haver a criatividade aguçada do leitor e do pesquisador; que a partir da decodificação de um tema, se pode descrever e complementar um tema sem fugir de seu objeto inicial, sendo que as obras de Foucault não são prontas e acabadas. Faz com que o leitor, por meio de um tema, vá para qualquer caminho possível e diferente, sem perder sua significação dada à subjetividade e criatividade.

Nisto, pode-se inferir os mesmos paradigmas do que ocorreu na Argentina, e do que aconteceu no Brasil com o *impeachment* de Dilma e posteriormente com a eleição de Bolsonaro. Temos, no discurso de ódio nesta construção do saber de discursos pelo uso da palavra, segundo Giogi, (2020) antíteses que proliferam pelo enunciado, que por sua vez geram lutas e resistências, a construção de discursos da mentira para derrubar um poder e um governo que atendia mais aos pobres, por um discurso que obteve êxito, porém foi combatido por lutas das classes minoritárias que não conseguiram se manter no poder.

Há outros contextos idênticos ao do Brasil, porém cada país possui sua tendência, o que há de igual são os discursos de ódio, a volta de grupos de extrema direita ao poder, a proliferação de ódio na política contra as minorias, e vê-se claramente que o autor cita a volta da extrema direita como uma rede de tensão que se enuncia. Pela relacionalidade destes discursos, consegue colocar no poder pelo clamor popular um governo que se a assemelha a um governo ditatorial, como ocorrido na Argentina, que havia sido articulado no país na década de 1970 por uma elite branca, sexista, machista e empresarial, que sempre nutriu desprezo pelas classes sociais minoritárias.

TEMAS DISCURSIVOS DA CONTEMPORANEIDADE: CRÍTICA E RESISTÊNCIA, ATÉ QUANDO?

Ao observarmos os ex presidentes Temer e Bolsonaro, percebemos que não há nada de novo, pois eles são a recriação de tudo que se viu sobre o início da sociedade Antiga, passando por todos os regimes dos séculos XIX e XX, sendo que as únicos “projetos societais” que realizaram para o bem estar social foram a Reforma trabalhista, conforme Antunes e Bonson (2022), excluindo os poucos direitos do trabalhador, e a reforma da previdência, que está a tirar pensões, reduzi-las pela metade, além de novas formas de cálculo prejudiciais ao trabalhador celetista, sem que tenha havido alteração no regime estatutário de quem recebe preventos acima de R\$20 mil, pois de fato atingiriam a si próprios. Metade da população recebe o mínimo de R\$1320,00 além de dificultar ações de benefícios sociais a pessoas com deficiências e acometidas por acidentes de trabalho.

Na obra de Abers e Bulow (2011) sobre movimentos sociais no Brasil nas últimas duas décadas, debate-se a conceituação de movimentos da sociedade civil, de organização em prol de políticas e teorias governamentais e não governamentais em busca da identificação de uma classe em defesa de direitos de classe perante a sociedade, com ou sem intervenção do Estado brasileiro, as quais são denominadas de organizações não governamentais (Ongs). Infere-se que do ponto de vista teórico foram as tecnologias das redes sociais que deram maior visibilidade às demandas de

grupos sociais em busca de respeito, dignidade e interação, dentre as quais podemos citar os movimentos dos transexuais por luta de reconhecimento, os quais sempre foram judicializados no Supremo Tribunal Federal (STF).

Nos debruçamos sobre dois aspectos teóricos de movimentos de análise, o da multiplicidade de grupos e organizações que demandam tomada de decisões por meio do ativismo de solidariedade e inclusão pública, a respeito do qual os autores mencionam a substituição do termo “movimento social” por “sociedade civil”. O segundo se volta ao paradigma de processos pautados por conflitos políticos, por meio de mais atores que demandam maiores temas em debate, em uma multiplicidade de temas como: gênero, feminismo, racismo, sem tetos, sem terras, ambientalistas, identitários e multi-identitários.

Foucault (1985), na História da Sexualidade III, menciona o casamento como ato privado, pois a sua autoridade e as regras da família não exigiam a intervenção dos poderes públicos. Na Grécia tratava-se da transferência da tutela da mulher ao marido, um negócio entre os chefes de família, um comércio privado masculinizado em que a mulher não era considerada a companheira do homem, tendo lugar restrito, sendo a sua ocupação de cuidar da casa e da educação dos filhos. Sua capacidade cognitiva era questionada, e quase não se encontram registros da participação feminina na vida social e política na Grécia antiga.

Em Roma e no período helenístico, começam a dar mais atenção ao casamento e a apresentar argumentos à participação da mulher na vida comum entre homens, em que os estoicos o defendem na apologia à natureza, na arte de um método de vida necessário em que haja uma estética da existência alicerçado no governo de si e dos outros, e segundo em Musônio Rufos, no conhecimento, na meditação e no silêncio, nas anotações que irão, no Cristianismo adotar o texto, os escritos, como ator principal de vigilância e submissão dos corpos.

Foucault (1985) tece reflexões singularmente sobre os primeiros séculos, em que se procura sem colocar em questão um modo de existência e uma maneira de viver juntos diferentemente dos clássicos.

Vê-se que as reivindicações ativistas aumentaram diante da inércia do Estado em resolver conflitos de sua competência, bem como traz à tona a relação de sociedade civil ao invés de movimentos sociais para tornar mais participante a sociedade como um todo, visto que o ativismo de movimentos sociais não é estático apenas aos seus interessados que fazem parte dele e sim, como um debate de toda a sociedade, seja ela membro ou simpatizante das causas sociais dos militantes.

Não é preciso ser negro, transgênero, sem-terra, ambientalista para se colocar no lugar do outro e perceber o mundo em que se vive, perceber que há a necessidade de mudanças e que não há relações sociais que podem mudar um Estado de lutas diante da inércia da sociedade, seja participante ativo ou passivo das questões de militância que impactam, mesmo que de forma indireta, a vida do todo.

Alonso (2009) apresenta tipos de movimentos sociais, nos anos de 1970. No Brasil são teorias como a de mobilização de recursos, processo político e novos movimentos sociais. Com as mudanças nos anseios e novos movimentos igualitários pela busca de direitos humanos, como a causa de pessoas trans, observam-se as críticas recebidas por estes movimentos novos e dos anteriores mais voltados a políticas societais de desenvolvimento humano, como: acesso ao voto feminino e aos homens sem reconhecimentos econômicos.

Juntamente com o acesso à urbanização, saneamento básico, água potável, moradias dignas, bem como a inserção do Estado no trato de cada movimento, quando há políticas públicas para ao menos tentar resolver a situação. Quando o tema não é pauta de agenda de governos, se instaura o caos em âmbito de amplitude internacional; por exemplo, no caso de transgêneros, o Brasil é o país do mundo que mais mata transexuais, com discursos de ódio que inclusive incentivam a prática para que isto continue a ocorrer, revertendo conceitos de lutas de governos anteriores (ANTRA, 2021).

302

Conforme a mesma organização, estão no Brasil as maiores quantidades de acessos a *sites* pornográficos que envolvem pessoas transgêneras, em plataformas digitais, sendo um fetiche que fica acima de qualquer outra denominação ou gênero cis.

Percebe-se que os novos movimentos sociais que incluem a causa de pessoas trans são teorias, novas teorias, porém velhos problemas não resolvidos pelo poder público, e pior, isso gera aumento de tensões na prática cotidiana nos dias atuais, pela perda da vida, não apenas da dignidade humana dessas pessoas.

Segundo Berenice Bento (2008, p. 19), a concepção de identidade da transexualidade pode ser entendida como um “[...] desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros no corpo”. Salientamos de que maneira surge, entre comentadores diferentes, a visão próxima acerca de como o Estado e a própria concepção de sociedade vieram ao longo do tempo oprimindo o sujeito trans na sua identificação.

Mostra, com o passar das épocas, a relevância do casamento, em que a mulher deve ter acesso à Filosofia, que foi avançando na época em que se abriam espaços à companhia, mas anda a passos lentos até os dias atuais.

Musônio Rufos³ diz que o feminino possui os mesmos sentidos que o masculino e as mesmas partes do corpo; além disso, na capacidade intelectual são iguais e sem distinção.

A relação antérica é a *philia*, ou seja, os indivíduos são amigos um do outro, no erotismo, há um amor sereno, percebido pela ausência, sendo suave. No banquete de Xenofonte a relação pederástica é mais institucionalizada, e há um amor antérico entre homem e mulher, na concepção ateniense de cidadania. Xenofonte diz que o amor tinha um papel secundário, e fala da relação do homem com a vida pública na cidade, em que ter um amor correspondido não era natural entre homem e mulher.

O que se percebe no Brasil, de acordo com Baião, Couto e Oliveira (2019), é que houve na última década uma divisão de representação no Congresso Nacional, em que o presidente da República não consegue a formação de maioria no parlamento, e com isto, necessita construir laços para poder aprovar projetos e poder governar.

Para que isto ocorra há intensos pedidos de agradecimento para que os não aliados ou quem prefere se posicionar como tal, ou seja, votos a favor de quem está no poder Executivo em troca de liberação de verbas para estes parlamentares, além de pedidos de cargos em estatais, por exemplo como nos bancos que detém capital público.

Um destes exemplos que pode ser citado é o monopólio do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), concentrado em apenas um banco, no governo de Fernando Collor, sem que a pessoa pudesse escolher de forma unipessoal em qual instituição queria receber este valor, como ocorria antes. Logo, dizer que o público é bom e o privado é ruim não tem se mostrado uma rotina no Brasil, sendo que na própria instituição houve casos de assédio contra mulheres e funcionários, o que culminou com a saída de seu ex presidente. Da mesma forma, também houve a maior apreensão de dinheiro vivo no Brasil, no apartamento de um dos seus ex presidentes, conforme El País (2017).

O poder de escolha não irá tirar da instituição o produto, pagando mínguos 3% de juros ao ano, sendo um direito de todo trabalhador celetista que ele próprio possa escolher a instituição onde queira receber a importância. Trata-se apenas de liberdade pessoal não monopolística que existia, e que ao invés de permanecer com a Constituição Federal de 1988, impôs-se que apenas uma instituição fosse a responsável pelo pagamento e guarda dos valores, operando só o produto,

³ Descreve que Eros é muito solitário, e fala da companhia que Afrodite dá a Anteros, e que havia um altar de um amor vingado, bem como Poseidon a Erites. Eram colocados no ginásio para que fossem gratos à amizade dos mestres pelos professores. Anteros diz que há uma discussão de Platão sobre o amor platônico, além de amor pederástico, em que a ideia é de que o amor extravasa e transborda com os sofrimentos quando não é correspondido.

sendo que todos os bancos são fiscalizados pelo Banco Central do Brasil e poderiam fazer esta tarefa (LEGISLATIVO, 2021, 2022).

Citamos exemplos de lugar geográfico, visto que todo movimento contra atos políticos enraizados existe por meio da razão, emoção e dentro de um contexto de lugar. O lugar pode modificar o próprio ato em si de militância. Por exemplo, como seria um movimento ativista na França e no Brasil, teriam a mesma reciprocidade pelo governo em termos de atender as reivindicações e do próprio aceite dos movimentos? Seriam observados ou massacrados por meio da agressão policial? ⁴

Enfatiza as relações entre aristocrático, do homem bem formado, diferente do sofista, do cínico, o verdadeiro parresiasta, que deve ter o falar franco, mesmo que isto tenha impactos contra sua própria vida, em que se mesclam quatro fenômenos: filosófico, sábio, técnico e professor, além do parresiasta.

Foucault (2011) não entra na relação monarquista e aristocracia de forma autônoma, em que é uma pessoa chave e em que sua dupla face da escolha se apaga ao presente, em que o diagnóstico de escolha é o perigo principal. A forma é a presente, que se distancia da Ciência de Platão em que se relaciona a alma do filósofo em um possível desenvolvimento para ampliar as formas, em que deixa de lado, uma maneira de apagamento, uma atitude restritiva em uma forma de resistência em que retoma e transfigura o seu reconhecimento aos Antigos.

Há uma ligação entre a Filosofia como arte de viver e maneira de viver, uma interpretação de sua Filosofia em sua ligação com a vida, ou a Filosofia é apenas teórica, sem ter relação com a vida, a *biós*, sendo uma forma de viver com objetivos comuns à vida humana?

Nessa relação de espiritualidade como forma de viver a questão não era apenas cristã, como mostra a Filosofia Antiga, sendo uma prática de vida da transformação do sujeito não apenas teórica, mas cíclica e em constante movimento.

A conversão da espiritualidade é determinante para os horizontes religiosos, além da ética e da política, e que na forma estão ligadas nos aspectos mais determinantes que outros na arqueologia em sua noção determinada como maneira fundamental de práticas, experiências e mudanças, não para o conhecimento, em que se coloca em jogo a questão da verdade.

⁴ Além disso, o lugar é um fator da ciência geográfica que coincide com as Relações Internacionais por convergência do fenômeno da Globalização que o mundo promoveu, pelas lutas de ativistas que se tornaram mestres e pelos exemplos de luta, pelo questionamento da transição democrática como referência importante para os estudos modernos de movimentos sociais.

Acarreta a verdade por uma conversão do sujeito, como ato de conhecimento em si mesmo, acompanhando a mudança do sujeito, na espiritualidade antiga, em que em todas as transformações estão ligadas à espiritualidade, mas deve se saber em qual modelo está a conversão requerida, qual a forma da filosofia da conversão?

Foucault (2011) usa as palavras de Hadot e esclarece o cotidiano de uma experiência de deslocamento de relação de natureza, de trajetória, de movimento e de conversão do retorno a si, sendo ambíguo em que não nos é dado o aspecto de Foucault entre deslizes de conversão religiosa e filosófica, sendo uma experiência espiritual em que temos também formas de dispositivos de verdade em que se coloca em questão seus valores em torno de si, de pensar nas relações, na realidade e nossa trajetória que queremos atingir e nos dirigir em nossa distância de si para si mesmo.

A conversão de viagem para uma vida e um mundo verdadeiro é vista como ruptura, uma abertura para ser outro, diferente do que era em uma transformação de si próprio, uma arte filosófica de ser pela arte filosófica de mudança de um ciclo em que a forma está relacionada à conversão de um apelo em contexto histórico de uma evolução.⁵

Foucault (2011) menciona na “Coragem da Verdade”, em imagens e exemplos da vida, como para os cínicos, que se consideram o tipo de conversão de conceitos, e que se dizem alunos de Sócrates, a questão da verdade se volta a um momento de reflexão e de escape; a coragem da verdade despreza a manifestação a nível de princípios e sua cólera deve ser enfrentada na abertura política.

Foucault (2011) diz que o cinismo sobreviveu a todo o século XIX e advém de uma apresentação de uma vida que pode destruir e os hábitos de verdade, porém, sendo uma arte de viver, o escândalo cínico pode se transformar em uma conversão filosófica pela própria experiência religiosa.

Arrisca-se à vida na parresía, do cínico, em que se expõe a vida, pelos seus discursos, pela sua via reta, um desafio de entrada por escândalos, conforme Diógenes Laércio. Vive nu e pobre, porém entende que é uma vida filosófica em uma conversão, como os monges isolados nos primeiros anos da era cristã, como São Francisco de Assis, para explicitar a verdade escandalosa,

⁵ A conversão de Platão da Filosofia na espiritualidade na República deve ser a conversão do próprio olhar em uma alma que não existe, a faculdade da alma que aprende que não é possível voltar das trevas à luz, e que é capaz de suportar. A Educação como arte de desejo e não de ter uma visão em que deve se olhar para a posição correta de uso das almas pela prática e pelas formas de pensar de uma maneira pedagógica.

sendo uma condução de uma forma de ligação de verdade em que a experiência seja e possa ser enfrentada em um modo de vida fundamental.

Foucault separa o cinismo filosófico do religioso, em que deve se buscar a verdade e salvar a alma para a eternidade em outras formas de verdade, das experiências de espiritualidade cristã filosófica, em que se recorre aos cínicos e a Platão.

Pelo conhecimento, Foucault, em sua produção de potencializar uma razão política, mas em que não se pode pensar apenas em política, *épistémé* e virtude são coisas unidas, em que existe a Ética de um forte elitismo aristotélico.

Nietzsche e Foucault dialogam sobre a ética e o corpo, a hipocrisia, e que se existe a *parresía* na forma de se apropriar um corpo do outro, podendo estar debaixo do poder, mas que pode também estar debaixo da corporalidade. Foucault é mais próximo do corpo em si, em que existe uma estética de sua existência. Nietzsche liga a crítica mais enraizada à religião, ao poder, quanto a manobrar. Pode-se pensar em uma hipocrisia e em uma microfísica do poder, em que a resistência também pode ser nômade, em suas atividades de ser livre com formas micro de resistências⁶.

É um espaço de certa forma para o irrefletido entre o corpo e o político, em que a hipocrisia tem relação com a retórica da mesma forma, e que no curso “A Verdade e as Formas Jurídicas”, Foucault (2018) faz a ligação entre saber e poder, corpo e mídia, do *self* que não corresponde a Platão e sua vivência de saber-poder que emerge do corpo.

É preciso analisar os pequenos elementos que o próprio cinismo explica na experiência da reforma da própria filosofia, como a religião e a expressão e do escândalo, da mesma forma que a política se mostra sem roupas no imaginário, quando não funciona sem dizer nada. Mostram-se as expressões corporais dos corpos dos políticos e os anseios da população dentro de uma vida cínica política, na relação com a sociedade que não se vê representada na relação com os representantes, sendo relações de equivalências de retórica e hipocrisia, deixando aparecer este lado como forma de alternativa que escandaliza e deixa viver.

A obra de Tarrow (2009) mostra um potencial de composição do ativismo nacional através dos impactos do ativismo transnacional por meio de um exemplo: a tocha olímpica das Olimpíadas de Pequim. Antes de seu início ela percorreu vários territórios, teve forte resistência e foi motivo de crítica do governo chinês na questão de Direitos Humanos dentro e fora da China,

⁶ Outro elemento é a experiência do esforço de uma direção para outra em que um homem entra na caverna, e conta o que viu na caverna, para que outros tenham uma experiência semelhante; um mito da caverna que possui em si uma relação mística.

em especial no Tibet e no Sudão do Sul. Trata-se de uma competição mundial que não mostra de forma efetiva o que se esconde por trás do evento, que tende a mostrar liberdade, igualdade e oportunidades para grupos. Em obras como “Um Sonho de Darfur” e na renúncia de Steven Spielberg como diretor artístico do evento, fica evidente que a tocha olímpica deixa traços e mostra a desigualdade e indiferenças por onde passa, sendo esta uma forma de resistência e militância contra as desigualdades nacionais e internacionais.

O logos aristotélico é uma estrutura clara de análises dos tipos de ética. Foucault (2010a) busca a parresía na antiguidade nos textos de Sócrates em que há uma relação entre democracia e demagogia, de dizer ou de não dizer, na escuta em que o ateniense pode se escutar no âmbito privado e no público só escuta aquilo que quer ouvir, podendo se fazer uma *epidemeléia* na formação de uma educação ateniense – o que de fato não houve, tornando-se uma demagogia.

Foucault (2011) aborda o modo de dizer a verdade entre o parresiasta e o sábio, em que ambos possuem o dizer do conhecimento científico no compromisso de transmitir este conhecimento como maneira de dizer a verdade. Este modo técnico é uma forma, porém diferente do parresiasta, pois não corre o risco de vida como Sócrates, em que não se liga a relação do sujeito na concepção social de humanidade.

O professor e o técnico auferem seu conhecimento ao ouvinte, sendo uma herança científica e tradicional. O parresiasta vive o que diz, arriscando sua vida, como um *éthos*, um discurso verdadeiro; mesmo que suas palavras lhe custem a vida, ele não apenas fala ao ouvinte, mas pratica o que diz.

Na figura de Sócrates podemos encontrar a figura do sábio, que pode se calar quando quer. No oráculo da profecia de Delfos em ser interpelador, em ser dito que era a época o mais sábio de Atenas, na questão da virtude pessoal, mesmo quando não profere seu saber, mesmo quando se mantém em silêncio, sendo uma maneira ímpar parresiasta a maneira de Sócrates, pelo simples interpelar em que assume todos estes papéis como o ensino a Alcebíades em se auto governar, de como ser um profeta assume os moldes múltiplos de falar francamente na presença em diferentes culturas e sociedades.

Na Idade Média, vemos o crescimento do saber com o surgimento das universidades, e na sociedade moderna, da ciência, do ensino e da pesquisa, na modalidade parresiasta como parte de uma técnica de si, sendo o discurso verdadeiro. A prática vivida e pensada na contemporaneidade se expressa na crítica de modos de vida diferentes da filosofia Antiga.

A discussão sobre a democracia, de como ocorria esta forma de falar a verdade na época dos séculos IV e V a.C., na Grécia antiga, traz à tona discurso de Eurípedes de que era pragmático às pessoas da cidade, que não possuíam a desonra na família, poderem proferir seus discursos.

Na contemporaneidade, conforme dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2021), no ano de 2020, mesmo na pandemia, foi o ano que mais houve assassinatos contra pessoas transgêneros desde a medição de sua série histórica. Foram 100 assassinatos contra transexuais e travestis no primeiro semestre de 2020 e 84 no ano de 2021, ante uma ligeira queda em anos anteriores, com 84 e 64, nos anos de 2018 e 2019, respectivamente (2021).

A cartolagem dos dados também contempla tentativas de assassinatos, estupros, espancamentos, pessoas atiradas de dentro de veículos em movimento, sequestros e desaparecimentos. Além disso, o Brasil, mesmo tendo sérias rupturas de acessibilidade à internet para fins de estudos e trabalho para parte da população, é o território em que mais são visualizados e consumidos conteúdos pornográficos com pessoas trans nas plataformas digitais no mundo.

Existem muitas travestis e transexuais que vivem da profissão do sexo, mas não são todas; há ainda pessoas trans que exercem função pública, como professoras universitárias. Mesmo que exerçam a prostituição, isso não fornece ao agressor a legitimidade de agredir e matar o outro; além disso, se há mercado é porque existe demanda por esta profissão.

Conforme mencionado, devido à inércia do poder legislativo por não haver qualquer lei que puna agressores que matam ou agredem fisicamente e psicologicamente pessoas trans no ordenamento jurídico, foi necessária a inciativa do STF de intervir, por meio do Relator Ministro Celso de Mello com uma Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO n.26), a qual, por unanimidade, os ministros da Suprema Corte decidiram que entraria em vigor até que haja lei específica, não especificando prazos ao Congresso.⁷

A ação decide que se aplica a equivalência à prática de racismo, ou seja, semelhante às punições de agressões a população negra, embora as pessoas trans não sejam negras. Foi uma forma de minimizar o sofrimento e tentar reduzir os assassinatos de pessoas trans, visto que quem faz leis são os congressistas e não os ministros do STF; estes apenas as cumprem. Porém, o que se vê nas estatísticas é o aumento de assassinatos, mesmo com a equiparação em vigor, talvez em razão dos discursos de ódio de apoiadores do ex presidente, e outras categorias que nutrem o ódio quando incentivam seus apoiadores pela doutrina que seguem ou pelo ato de odiar o outro que diverge de

⁷ Pode-se apontar um dos erros das instituições brasileiras, pois são 523 anos de inércia, apenas mencionando a urgência da necessidade de lei específica para o caso de pessoas trans.

seu gênero e quer apenas existir, em desencontro com a normativa da Suprema Corte (MEIRELLES, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da *parresía*, em um sujeito de *status* diferente, confronta o de *status* superior, em que ao invés de bajar, ele se empreende ao risco, com possibilidades de perdas, como a da amizade e até da vida. O risco de vida se exemplifica quando o tirano poderia ter condenado Platão à morte ao falar e tecer uma crítica a ele, caso não gostasse do que foi dito.

O não cínico não necessita estar na mendicância, estar sujo e usar de adereços para praticar a *parresía*. Ele pode ser rico ou pobre, que não menospreza a pessoa quando lhe pede para ser iniciado, não blasfema, não fala em voz alta para chamar a atenção de terceiros, é contido e comedido, não necessita de espetáculos, pelo contrário, pode em certos momentos estar recluso, meditando, e ainda ser reconhecido como um bom homem, de fala franca, que é procurado, não exalta a si mesmo, e procura sempre aprender mais com seus discípulos e outros mestres durante toda a vida.

Temos este cinismo antigo, e o mais moderno próximo da ascese cristã, onde se mescla com mais clareza o papel da prática do falar franco. Percebe-se nas escolas pitagóricas, estoicas e epicuristas uma nova forma em que a pessoa precisa estar doente, e pela doença da alma, ela verdadeiramente se liga ao divino. Se combinam os filósofos deste novo cinismo moderno com mais temperança, com o surgimento destas escolas. Diferencia-se das outras pois raramente uma pessoa pode estar em uma escola para aprender a *parresía* de forma gratuita no novo cinismo, e com isto, temos a formação de classes sociais; quem pode pagar possui à sua disposição os melhores mestres em *status*, porém nem sempre os mais evidentes na cidade possuem os maiores conhecimentos de si mesmos e ética para ensinar.⁸

É uma área de estudo pouco explorada nos dias atuais, mas que remonta aos Antigos, como por exemplo no caso dos os transgêneros, na qual se tem intenções, porém não unívocas ao bem comum do sujeito, e sim cada classe com seu pensamento, despreocupados com os vários tipos de sujeitos trans que existem. A omissão gera o pensamento errôneo de que tudo está bem e que não há mais nada a ser estudado.

⁸ Mesclam o pagamento e a formação com casos de mestres que escolhem e se dedicam ao ensinamento gratuito, almejando a recompensa futura dos deuses do paganismo e do Deus único no cristianismo, pela benevolência de que teriam de certo modo contribuir para o bem estar de quem busca a sabedoria, de receber estas pessoas. Surgem, nestas épocas, poucas mulheres que vão em busca da *parresía*, embora ainda em pequena quantidade, que aumentam na era cristã, na confissão e com o surgimento dos monastérios para mulheres.

Avaliando as formas de relações sociais em que emergem raça, gênero e sociabilidade no Brasil, pode ser considerado um país tendencioso. Explicações antigas e atuais giram em torno de um olhar cínico nos moldes antigos, no qual os extremos na política em nada alteram a pretensão de que nas condições que se vive no país, a pessoa trans vive dia após dia em uma luta, sem direitos à fala, com a ausência de políticas públicas e de direitos legais realizados pelo Congresso, tendo sempre de recorrer à Suprema Corte.

Congresso este que se atenta apenas a grupos extremos de suas bases aliadas, e que não pensam no bem como um Executivo que cede às formas, que não tem a coragem de inclusive, se necessário, de judicializar o caso de barganhas de emendas de relator sem a devida prestação de contas e fiscalização. Embora existam investigações em andamento sobre para onde se destinam os recursos, pouco se pode confiar na credibilidade de que um dia seremos na prática governados por um presidente sem depender destes arranjos, os quais para se sustentarem, exigiram instrumentos que deixaram o pobre mais vulnerável, como a reforma da previdência, conforme mencionam Lobato e Rizotto (2019).

REFERÊNCIAS

ABERS, R.; VON BÜLOW, M. Movimentos Sociais na Teoria e na Prática: Como Estudar o 310 Ativismo Através da Fronteira entre Estado e Sociedade? **Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, set./dez. 2011, p. 52-84. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v13n28/04.pdf>.> Acesso em: 05 mar. 2023.

ALONSO, A. As Teorias dos Movimentos Sociais: Um Balanço do Debate. **Lua Nova**, São Paulo, n. 76, 2009, p. 49-86. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452009000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.> Acesso em: 06 mar. 2023.

ANTUNES, D. M.; BONSON, V. H. C. Representações e disputas em torno da história do direito do trabalho brasileiro. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 42, nº 90, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/SdQcKn8n6MxHHHDPPHbqWGc/?format=pdf&lang=pt>.> Acesso em: 03 mar. 2023.

ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. **Boletim Nº 002-2021**. Brasil tem 89 Pessoas Trans Mortas no 1º Semestre em 2021. Sendo 80 Assassinatos, 9 Suicídios. Houve ainda 33 Tentativas de Assassinatos e 27 Violações de Direitos Humanos. Brasil, 2021.

BARBOSA, B. C. Ciência, Técnica, Política: Controvérsias em torno do Direito aos Procedimentos Médicos de Transformação Corporal do Sexo. In: **Revista de antropologia da UFSCar**. Florianópolis, SC, R@U, 10 (1), jan./jun. 2018: 175-196.

BAIÃO, A. L.; COUTO, C. G.; OLIVEIRA, V. E. Quem ganha o quê, quando e como? Emendas orçamentárias em Saúde no Brasil. **Revista Sociologia e Política**, v. 27, n. 71, e004. São Paulo. 2019.

Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/ZTGNpZyqYZKysNcGLqS3trj/?format=pdf&lang=pt>>.
Acesso em: 14 fev. 2023.

BENTO, B. **O que é Transexualidade?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

BRINGEL, B; ECHART, E. Movimentos Sociais e Democracia: Os dois lados das "Fronteiras". **Cadernos CRH, Salvador**, v. 21, n. 54, p. 457-475, dez. 2008. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792008000300004&lng=en&nrm=isso> Acesso em: 14 fev. 2023.

CHOMSKY, N.; FOUCAULT, M. **O Debate**. Natureza Humana, Justiça versus Poder. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

EL PAÍS. **Dinheiro encontrado em malas no “bunker” de Geddel Vieira soma 51 milhões de reais**. 2017. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/05/politica/1504623466_872533.html>. Acesso em: 02 abr. 2023.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III**. O Cuidado de Si. Porto Alegre: Editora Graal, 1985.

____. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2003.

____. **A Coragem da Verdade**. A Hermenêutica do Sujeito. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010a.

____. **A Coragem da Verdade**. O Governo de Si e dos Outros I. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010b.

____. **A Coragem da Verdade**. O Governo de Si e dos Outros II. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

____. **Verdade e as Formas Jurídicas**. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2018.

LEGISLATIVO. Câmara dos Deputados. **Projeto acaba com monopólio da Caixa como agente operador do FGTS**. Fonte: Agência Câmara de Notícias. 2021. Disponível em:
<<https://www.camara.leg.br/noticias/715676-projeto-acaba-com-monopolio-da-caixa-como-agente-operador-do-fgts/>>. Acesso em: 01 mar. 2023.

____. Senado Federal. **Senadores repudiam casos de assédio atribuídos ao ex-presidente da Caixa**. Fonte: Agência Senado. 2022. Disponível em:
<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/29/senadores-repudiam-casos-de-assedio-atribuidos-ao-ex-presidente-da-caixa>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

LOBATO, L. de V. C.; COSTA, A. M.; RIZOTTO, M. L. F. Reforma da previdência: o golpe fatal na seguridade social brasileira. **SAÚDE DEBATE | RIO DE JANEIRO**, V. 43, N. 120, P. 5-14, JAN-MAR 2019. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/YNYvtmsDCvPsbjKpV SXZfLF/?format=pdf&lang=pt>>.
Acesso em: 15 mar. 2023.

MEIRELLES, W. S. Criminalização da Homofobia: Análise do Julgamento da ADO n.26 pelo STF. **Dissertação de Mestrado**. Centro Universitário de Brasília (UniCeub). Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais. Brasília, 2020.

KIFFER, A.; GIORGI, G. **Ódios Políticos e Política do Ódio**. São Paulo: Editora Bazar do Tempo, 2019.

SILVA, L. R. L.; FRANCISCO, R. E. B.; SAMPAIO, R. C. Discurso de ódio nas redes sociais digitais: tipos e formas de intolerância na página oficial de Jair Bolsonaro no Facebook. **Galáxia** (São Paulo, online), ISSN: 1982-2553. Publicação Contínua. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/gal/a/4krjKThRWZD6MRy8LLLpVhF/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02 mar. 2023.

SILVA, G. J.; FUNARI, P. P.; GARRAFONI, R. S. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 40, nº 84, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/NxWFCCdfrjjxYXzmQB98NPt/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 05 mar. 2023.

SOUKI, N. **Hanna Arendt e a Banalidade do Mal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.